



PERCURSO HISTÓRICO DO TRATAMENTO DADO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PROVAS DO ENEM

HISTORICAL TRAJECTORY OF THE TREATMENT GIVEN TO LINGUISTIC VARIATION IN ENEM EXAM

Carlene Ferreira Nunes Salvador (UFRA)
carlene.salvador77@gmail.com

Davi Pereira de Souza (PPGL-UFPA)
davi12ps312@gmail.com

RESUMO: A norma padrão regula a concepção da produção textual dos órgãos públicos brasileiros, o que pressupõe que em avaliações de larga escala aplicadas a diversos níveis de ensino, os profissionais responsáveis pela elaboração dessas provas sigam o mesmo direcionamento. Neste contexto, o objetivo deste artigo consiste em realizar o levantamento, em questões do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, no *Caderno de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, acerca do tratamento da variação linguística, com vistas a traçar a trajetória dessa temática ao longo dos anos de aplicação do referido exame. O aporte teórico adotado baseia-se em Labov (2008), Bagno (2002; 2020) e Faraco (2008) no que concerne à perspectiva da Sociolinguística Variacionista e ensino. Do ponto de vista metodológico, foi adotado, conforme Yin (2010) e Tarallo (1986), o critério quantitativo para a coleta de dados, de modo que a amostra composta abrange o período de 1998 a 2019, portanto, vinte e um anos do exame que dá acesso ao Ensino Superior no Brasil. Nas questões coletadas, foi verificado se havia menção ou direcionamentos linguísticos que conduziam ao tratamento da variação, uma vez que há, além dos documentos oficiais institucionalizantes, estudos paralelos realizados por pesquisadores da área da Sociolinguística cujo objetivo tem sido, dentre outros, a descrição de variantes dialetais que nem sempre são abordadas no ensino básico. A análise revelou a diversidade terminológica para se referir ao fenômeno, ênfase na norma culta e a baixa discussão do assunto nas questões analisadas.

PALAVRA-CHAVE: Variação linguística; ENEM; Trajetória histórica.

ABSTRACT: The standard norm regulates the conception of textual production by Brazilian public agencies, since the Portuguese language is the official language of the country, which also assumes that the developers of large-scale assessments, applied at different levels of education, follow the same targeting. In this context, the objective of this article is to carry out a survey, on issues of the National High School Examination - ENEM, in the Language and Technology Notebooks, about the treatment of linguistic variation, with a view to tracing the trajectory of this theme over the years. years of exam application. The theoretical approach adopted is based on Labov (2008), Bagno (2002; 2020) and Faraco (2008) with regard to the perspective of Variationist Sociolinguistics and teaching. From a methodological point of view, according to Yin (2015) and Tarallo (1986) the quantitative criterion for data collection was adopted, so that the composite sample covers the period from 1998 to 2019, therefore, twenty-one years of the exam that gives access to Higher Education in Brazil. In the questions collected, it was verified whether there were mention or linguistic guidelines that led to the treatment of variation, since there are, in addition to the official institutionalizing documents, parallel studies carried out by researchers in the field of Sociolinguistics whose objective has been, among others, the description of dialectal variants that are not always addressed in basic education. The analysis revealed ...

KEYWORDS: Linguistic variation; ENEM; Historical trajectory.



1 Introdução

O acesso ao ensino superior, no Brasil, foi durante muito tempo viabilizado por meio de exames de admissão ou/e aplicação de provas em nível local ou regional. A elaboração dessas provas ficava então sob a responsabilidade da própria instituição que propunha o certame. Esse sistema vigorou por muitos anos e ainda é possível encontrar, atualmente, faculdades e universidades utilizando o mesmo meio de fazer tal seleção. No entanto, a partir do ano de 1998, o Governo Federal, por meio de seu representante legal, o Ministério da Educação, em parceria com o Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, instituiu a aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, naquele ano ainda em fase experimental, como uma das formas de avaliar a qualidade da aprendizagem dos alunos brasileiros recém concluintes do ensino médio.

Inicialmente considerado como mais um dentre os tipos de avaliação de larga escala aplicados no Brasil, em 2004, o ENEM passou a figurar como exame necessário à admissão em universidades públicas. Desta forma, alunos de todas as partes do país, e até do exterior, passaram a disputar a tão almejada vaga em cursos de graduação oferecidos por diferentes instituições. A diferença, no entanto, residia no fato de que, a partir daquele ano, seria possível a aplicação de uma mesma prova como parâmetro do nível dos estudantes brasileiros.

Paralelamente, em muitas universidades brasileiras, pesquisadores da área da linguagem desenvolviam suas investigações acerca das regularidades linguísticas e das variedades de língua manifestas em território nacional. Como resultado das produções oriundas desse movimento, percebeu-se a aceitação, mesmo que de forma discreta, principalmente de gramáticos e órgãos reguladores, dos preceitos sociolinguísticos como forma de validar que as línguas sofrem pressões externas a ela. Do ponto de vista institucional, a oficialização dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1996; 1998), como documento orientador das políticas educacionais brasileiras, trouxe a variação linguística à baila das temáticas envolvendo o ensino de língua portuguesa.



Atentos à aplicação do exame ao longo dos anos, sobretudo pelo viés linguístico, e tendo por base o *Caderno de Linguagens e suas Tecnologias*, seção integrante do ENEM, nos sentimos motivados a realizar o levantamento que ora se apresenta. Munidos de 22 cadernos arrolados na pesquisa realizada, aplicados desde o ano de 1998 até o ano de 2019, observamos se há, nas questões voltadas para a língua portuguesa, o tratamento da variação linguística, de maneira que pudéssemos estabelecer a trajetória de parâmetros utilizados por elaboradores do exame como forma de abordar a variação na transição do ensino básico para o ensino superior.

Para realizarmos a tarefa pretendida, organizamos este artigo em seções que representam o desenho das etapas empreendidas. Assim, além deste texto introdutório, na seção 2, apresentamos um breve panorama relativo ao ENEM; na seção 3, abordamos os tópicos que embasam as pesquisas de cunho variacionista e o ensino de língua portuguesa; na seção 4, descrevemos o trabalho de cunho quantitativo realizado na composição da amostra; na seção 5, são apresentados os resultados alcançados juntamente com a discussão paralela desses dados, além das considerações finais.

2 Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM

Criado em 1998 como mais uma avaliação de larga escala, com o objetivo de mensurar a qualidade do ensino médio oferecido a estudantes de todo o país, e tendo inicialmente a adesão de apenas duas instituições de ensino superior, as quais usariam as notas oriundas do certame como critério de admissão, o ENEM se tornou, na atualidade, o principal meio de acesso à universidade pública brasileira (BRASIL, 2021).

Arelados ao INEP, sob a tutela do Ministério da Educação, pesquisadores dos mais renomados centros educacionais e universidades compõem a equipe que elabora o conjunto de provas aplicado, normalmente, no último domingo do mês de novembro de cada ano. Em suas primeiras versões de aplicação, as provas do ENEM eram compostas por 63 questões objetivas que abrangiam uma matriz de 21 habilidades dos estudantes, além da proposta de redação e a aplicação ocorria em um único dia.



Ao longo dos anos, o certame passou por adaptações que incluem desde a inscrição pela internet, investimento em acessibilidade, inclusão de questionário socioeconômico, até tornar-se o principal meio de acesso às universidades. A condição de "porta de acesso" aconteceu no ano de 2004, quando em decorrência da criação do Programa Nacional Universidade para Todos - ProUni, as notas do ENEM passaram a ser utilizadas para a concessão de bolsas parciais e integrais a alguns dos inúmeros participantes.

Em 2008, após uma década de aplicação, o exame passou por mais modificações. Desta vez, INEP e MEC anunciaram que o certame seria utilizado para a seleção nacional de admissão ao ensino superior, assim como passaria a certificar o ensino médio no país. Todas essas alterações aconteceram paralelamente à popularização do ENEM entre estudantes de todas as regiões brasileiras.

A maior mudança, porém, seria registrada no ano de 2009 quando ocorreu a criação do Sistema de Seleção Unificado - SISU, e o ENEM passou a ter um novo formato. O número de questões que era de 63 passou a ser de 180, divididas em 4 cadernos compostos por 45 questões de cada área do conhecimento, além da proposta da redação. As 21 habilidades de outrora foram reformuladas de modo que a certificação envolvesse também o processo de conclusão do ensino médio de jovens e adultos. Além disso, a aplicação começou a acontecer em dois dias e não mais em um, como ocorria antes da reformulação.

Nos anos seguintes, observou-se o aprimoramento no sistema de inscrição, as notas obtidas no ENEM passaram a configurar um pré-requisito para acesso ao FIES, houve mais acessibilidade e ampliação de gratuidades. Finalmente, em 2013, quase todas as instituições de ensino superior públicas passaram a adotar o ENEM como critério de seleção, sendo possível inclusive pleitear uma vaga em universidades portuguesas.

Assim, ao longo de duas décadas, o ENEM passou de um exame de certificação do ensino médio ao mais importante meio de acesso às instituições de ensino superior brasileiras. Concomitante a esse movimento de aprimoramento e busca de melhorias em sua execução, também se observa, em nível de concepção elaborativa, mudanças na forma



como determinados assuntos são abordados nos cadernos de prova. Um desses assuntos é o tratamento dado à variação linguística, elemento basilar de nossa investigação. Para melhor entendimento dessa temática, discorreremos alguns de seus conceitos básicos na seção seguinte.

3 Variação linguística e ensino de português

A variação linguística é parte constitutiva das línguas humanas, mas somente na segunda metade do século XX passou a ser investigada cientificamente como objeto de uma área específica dos estudos linguísticos, notadamente a partir dos trabalhos de Weinreich, Labov e Herzog (1968). Labov (2008) considera a língua como um sistema condicionado por fatores internos e externos a ela. Para esse autor, existe, de um lado, os condicionadores internos, contextos intralinguísticos que regulam o comportamento de determinados fenômenos. De outro lado, as pressões oriundas do sistema extralinguístico, que incluem fatores exteriores relacionados ao falante, tais como: origem, sexo, faixa etária, grau de escolaridade, dentre outros. Nesse contexto, a sociolinguística surge como a área da linguística que se preocupa em estudar a língua em seu uso real, levando em consideração sua estrutura interna e a influência dos fatores externos a ela.

Considerado o maior expoente da sociolinguística, Labov (2008) mostrou que de forma sistemática as línguas estão sujeitas à variação e, por vezes, a mudanças, uma vez que, para ele, o processo de variação e de mudança são inerentes às línguas, devendo, portanto, ser contemplados em atividades de análise linguística. Esses dois conceitos, variação e mudança, são relevantes no entendimento da teoria laboviana, segundo a qual conhecimentos empíricos da língua possibilitam mais entendimento acerca dos usos e eventos recorrentes de ordem linguística.

Dessa maneira, a variação linguística se manifesta como o movimento natural que as línguas apresentam no decorrer de seu percurso histórico e cultural, podendo ocorrer em nível fonético, morfológico, sintático ou lexical, e que, para Labov (2008), explicita a coocorrência de duas formas (quando ambas são aceitas e utilizadas pela comunidade



de fala) e formas concorrentes (quando essas formas estão em relação de concorrência). A variação é ainda facilmente detectável e, para que ela ocorra, basta que os ambientes linguístico e social sejam favoráveis. No caso da mudança linguística, além da variação, é preciso verificar se há um processo de mudança em curso, para que quando uma forma consiga suplantá-la, o processo de mudança se concretize, mas isso não pode ocorrer sem que haja um período de variação entre formas. Nesse ponto, entende-se que nem toda variação produz uma mudança, mas toda mudança ocorre a partir de um processo de variação (TARALLO, 1986).

Para entender como funciona a variação linguística, considerando os fatores que a condicionam, favorecem ou inibem, é necessário que outros conceitos e nomenclaturas da área sejam arrolados. Assim, uma nomenclatura importante é o uso do termo 'variante', o qual se refere a uma forma que é usada ao lado de outra na língua para se referir a um mesmo significado. Neste cenário, um exemplo seria a alternância no uso dos pronomes, em português, na posição de próclise ou ênclise, em que falantes acionam tanto 'pegá ele' quanto 'pegá-lo', sendo esta última a produção aceita pela norma padrão, portanto, a variante que goza de mais prestígio, e a primeira, um exemplo mais coloquial, suscetível de preconceito, em que ambas estão atreladas, dentre outros motivos, ao grau de formalidade no momento da enunciação.

Nesse cenário variacionista, podemos nos referir a três tipos principais de variação: a regional, a social e a de registro. Na primeira, a variação regional ou diatópica está relacionada à distribuição geográfica do falante e contrapõe as diferenças existentes entre os falares de indivíduos de regiões distintas, o que explica, por exemplo, a existência, no português, das variantes 'tangerina' ou 'mexerica' com o mesmo valor de verdade. Na segunda, a variação de ordem social, também conhecida como diastrática, ocorrem as diferenças de fala entre indivíduos de grupos sociais diversos, que podem se manifestar, por exemplo, em nível fonológico, como: 'praca' em vez de 'placa' ou em nível morfossintático, tal como: 'nós vai' em lugar de 'nós vamos'. Na terceira e última, temos a variação de registro na qual são avaliadas as alternâncias na língua de acordo com o grau de formalidade, um exemplo seria o uso de gírias e os discursos em padrão formal.



Como visto, o sociolinguista, a partir do uso da língua em situações reais, consegue levantar hipóteses sobre os contextos de produção de cada uma das variantes, levando em consideração não apenas fatores intralinguísticos, mas também fatores condicionadores externos, como o grau de escolaridade do falante ou sua condição socioeconômica, por exemplo. Ademais, essa teoria tem sido utilizada para relacionar a interface entre língua e sociedade, entender os fatores condicionantes da variação e, em última instância, contribuir para minimizar o preconceito linguístico, por meio de uma pedagogia da variação linguística, por exemplo, como propõe Faraco (2008).

Contudo, no Brasil, o desenvolvimento das pesquisas linguísticas e educacionais não produz mudanças, na mesma proporção, no ensino-aprendizagem da língua materna¹. Zanini (1999), por exemplo, no panorama que faz sobre o ensino de língua portuguesa no contexto escolar, no período entre as décadas de 1960 e 1990, demonstra que a variação linguística só passou a ser considerada efetivamente uma questão relevante na sala de aula a partir da última década do século XX, com a promulgação da lei 9394/96. Entretanto, na linha da variação dialetal, um dos primeiros estudos dialetológicos data de 1826, sendo a contribuição do Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, para o *atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi (CARDOSO, 2010). A este se somam outros trabalhos, tais como os de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira* (1920), Antenor Nascentes, *O linguajar carioca* (1922), Mário Marroquim, *A língua do Nordeste* (1934), e a primeira proposta da elaboração de um atlas linguístico nacional, em 1952, que veio a ser retomada em 1996, na Bahia, onde se definiu o comitê científico do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) cujos resultados, tratados sob a perspectiva pluridimensional, têm sido extremamente importantes para o conhecimento da história e da língua portuguesa em solo brasileiro.

Da mesma forma, embora cronologicamente um pouco depois da emergência da dialetologia/geolinguística, a sociolinguística, já na década de 1970, encontrou terreno fecundo neste país, propiciando a produção de um conjunto significativo de estudos nessa

¹ Segundo Faraco (2008), a linguística só foi institucionalizada como matéria universitária em 1962, e as primeiras intervenções mais significativas de linguistas nos debates relativos ao ensino do português no Brasil situam-se na década de 1970.



área, por influência principalmente da vertente laboviana que se desenvolvia nos Estados Unidos, surgindo assim, dentre outros, o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), o projeto Norma Urbana Culta (NURC) e o projeto Variação Linguística no Sul do Brasil (VARSUL). Desde então, avolumaram-se a quantidade de trabalhos variacionistas sobre o português brasileiro, mas inicialmente com pouca ou nenhuma influência sobre o ensino de língua materna.

Como se viu anteriormente, apenas a partir da década de 1990, em termos de políticas públicas educacionais, a variação linguística encontrou lugar nos documentos orientadores do ensino de português. Em um primeiro momento, no âmbito dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) relativos à língua portuguesa para o nível fundamental, definiu-se como um dos objetivos do ensino de português: “conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico.” (BRASIL, 1998, p. 33). Apesar de haver essa recomendação, a primeira edição do ENEM, ocorrida em 1998, ainda não trazia nenhuma questão sobre variação linguística na prova de língua portuguesa.

Anos depois, sai a publicação dos PCNs Ensino Médio, em que a variação é evocada em uma das competências previstas para esse nível, como se vê no trecho abaixo:

Respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional, com suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação. (BRASIL, 2000, p. 09).


Com a homologação, em 2017, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relativa ao Ensino Médio, o tema da variação manteve-se contemplado em duas competências específicas para a área de linguagens e suas tecnologias para o ensino médio, a de número 2 e principalmente a de número 4, que define a língua como fenômeno variável e heterogêneo, conforme transcrição a seguir:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 35 • Nov 2021

 <http://dx.doi.org/10.61389/sociodialeto.v12i35.8111>

suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 490).

Assim, a diversidade linguística no Brasil não só é reconhecida e objeto de estudos desde o século XIX, como também figura como competência do ensino de língua portuguesa nos documentos oficiais. Apesar disso, ainda prevalece, muitas vezes, o mito da unidade monolíngue associado ao mito da norma padrão, bem como equívocos de natureza terminológica e conceitual envolvendo os termos *norma culta*, *norma padrão*, *modalidade formal da língua* etc., já discutidos por Faraco (2008) e Bagno (2020).

Embora os estudos sociolinguísticos tenham sido difundidos e reavaliados a todo momento, e a Sociolinguística em seu campo aplicado tenha recebido adeptos ao longo dos anos, nem sempre a temática variacionista tem sido pauta de discussão, sobretudo quando a variedade considerada padrão dita o *ritmo do jogo*. Seja em documentos oficiais ou avaliações de larga escala, como o ENEM, o registro escrito, vinculado à dita norma padrão, são tidos como referenciais do bem escrever. Desse modo, as perguntas que compõem os cadernos de questões buscam retratar essa norma idealizada, ainda que utilizem indiscriminadamente os termos padrão culto ou norma culta (FARACO, 2008). Entretanto, fatores que envolvem pesquisas voltadas para o ensino, assim como a própria atualização que as línguas sofrem naturalmente, demandam adequação dessas provas também como uma forma de contextualizar e favorecer o entendimento dos estudantes que se submetem ao exame. Os muitos trabalhos já empreendidos na área de sociolinguística, dialetologia e geolinguística não podem ser ignorados nesse processo.

Desse modo, convém salientar que os diferentes resultados variacionistas, na medida em que descrevem parte das múltiplas manifestações linguísticas existentes no país, servem de base para que o ensino do português se torne plural, diversificado, menos preconceituoso e mais próximo da realidade linguística da sociedade brasileira, na qual se identifica “um intenso fenômeno de mescla lingüística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades lingüísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29).



4 Metodologia

O *corpus* constituído para a realização deste artigo foi retirado dos cadernos de prova do Exame Nacional do Ensino Médio. Para tanto, optamos em eleger o período que compreende desde o ano de 1998 até o ano de 2019², como o rasgo temporal a ser analisado. Em seguida, decidimos tratar apenas dos cadernos referentes a *Linguagens e suas Tecnologias*, por entendermos que em razão de o fenômeno da variação ser um dos tópicos dos estudos da linguagem, sobretudo da linguística, pudesse ser encontrado com maior frequência nessa seção do caderno geral. Além disso, utilizamos como critério mais relevante, selecionar apenas as questões de cada caderno que apresentasse como foco a variação linguística.

A adoção da abordagem quantitativa (YIN, 2010) possibilitou agrupar o maior número possível de cadernos, e consequentemente, de questões encontradas. Do mesmo modo, a ampliação da abordagem para o nível qualitativo permitiu que fosse observado, além do aspecto subjetivo, o caráter variacionista presente na concepção elaborativa de cada pergunta analisada (TARALLO, 1986), não apenas do ponto de vista formal, mas sobretudo em relação ao preceitos da Sociolinguística laboviana (LABOV, 2008).

Após estabelecermos o período relativo à composição da amostra e os parâmetros teóricos a serem adotados, passamos à coleta sistemática dos dados. Inicialmente, foi feita a busca no sítio³ do INEP, na aba Provas e Gabaritos, suporte eletrônico onde estão ancorados os arquivos de provas realizadas pelo MEC, inclusive os cadernos do ENEM.

A consulta ao sítio supramencionado foi relativamente rápida e os arquivos puderam ser baixados e armazenados para análise posterior. Na primeira fase da pesquisa, foram gerados 11 arquivos referentes ao período de 1998 e 2008. Cabe ressaltar que, durante a coleta, os cadernos referentes a esse período são únicos e compostos por 63 questões cada, e 21 habilidades eram avaliadas, enquanto a partir do ano de 2009, foi adotada uma nova divisão e quantidade de questões. Essa decisão modificou a formatação

² O caderno de provas referente ao ano de 2020 não estava disponível no sítio do INEP quando houve a coleta dos dados, motivo pelo qual o período coletado foi até 2019.

³ Para maiores informações, consultar o sítio: www.publicacoes.inep.com.br.



da prova, que passou a ser constituída de 180 questões distribuídas em 4 cadernos de 45 perguntas, mais a redação. No novo formato, foram arquivados mais 11 cadernos amarelos referentes ao período de 2009 a 2019, totalizando 22 arquivos-base do *Caderno de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Após o arquivamento, foi dado início à procura pelas questões que tratavam sobre variação linguística.

Inicialmente, houve a surpresa por não haver, nos oito primeiros cadernos avaliados, nenhuma ocorrência do tratamento explícito do fenômeno pesquisado, o que causou certamente a dúvida se esse seria um fenômeno a ser analisado. Além disso, a ausência gerou uma procura adicional no caderno de Geografia⁴, o que não estava previsto como passo da coleta, para verificar se havia alguma menção de natureza linguística. No entanto, a busca resultou na constatação de que, a partir do ano de 2006, pelo menos duas questões em cada caderno traziam como temática algum traço relacionado à variação linguística. Desse modo, após fecharmos a consulta a todos os exemplares, além de 22 arquivos, passamos a ter um desenho da amostra com 60 questões voltadas para o fenômeno sob análise.

De forma complementar, foi aberto um documento para agrupar as capturas de tela realizadas durante a constatação das questões. As capturas ocorreram sempre a partir do comando da pergunta e das alternativas que as acompanhavam. Foram geradas 63 figuras, englobando as 60 ocorridas no caderno de linguagens e três do caderno de Geografia.

Em adição ao processo de composição do *corpus*, foi necessário verificar, em cada questão, a natureza da variação linguística expressa, cruzando com os preceitos da sociolinguística, com vistas a estabelecer a tipologia variacionista encontrada. Os detalhes dos resultados encontrados estão descritos na próxima seção.

⁴ A consulta ao *Caderno de Geografia* ocorreu por ele vir logo após o *Caderno de Linguagens e suas Tecnologias*, não havendo outro motivo em relação aos demais cadernos. Além disso, a consulta foi apenas até o ano de 2005.



5 Resultados e discussão

Nesta seção, apresentamos os resultados alcançados com a realização do levantamento pretendido. Em razão da quantidade de cadernos observados, 22 no total, em que verificamos 60 questões, ao longo do texto, são expostos fragmentos das perguntas analisadas em ordem cronológica e, quando possível, capturas de tela onde o fenômeno estudado é mencionado. As questões encontradas na amostra estão dispostas, por ano, pelo número da pergunta encontrada no caderno, entre parênteses, no Quadro 1.

Quadro 1 - Ocorrências de variação em cada caderno de Língua Portuguesa

Ano	Nº da questão	Ano	Nº da questão
1998	-	2009	(92), (101), (109), (112), (122), (129), (131) e (135)
1999	-	2010	(99), (107), (121), (127) e (133)
2000	-	2011	(107), (118), (129), (130) e (131)
2001	-	2012	(115), (117), (125), (128), (129), (130) e (135)
2002	-	2013	(106) e (118)
2003	-	2014	(97), (100), (102), (110) e (130)
2004	-	2015	(119), (124), (126) e (131)
2005	9 (Geografia)	2016	(102), (106), (121) e (124)
2006	(4), (5), (6) e (8)	2017	(08), (18), (22), (25), (32) e (33)
2007	(4) e (26)	2018	(07), (27) e (31)
2008	(2) e (14)	2019	(16), (17) e (21)

Fonte: elaboração própria.

Os dados expostos no Quadro 1 estão organizados cronologicamente e recobrem 21 anos de aplicação do exame, desde a primeira edição, em 1998. Até 2005, não foram encontrados entre as questões de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias registros do fenômeno sob análise, a não ser na prova de geografia, como veremos posteriormente. Notamos ainda que 2009 foi o ano com o maior número de ocorrências de questões

variacionistas. No Gráfico 1 está a ilustração da cronologia de aparição da variação linguística ao longo das duas décadas de aplicação do ENEM.

Gráfico 1 - Número de ocorrências conforme o ano



Fonte: elaboração própria.

No Gráfico 1 estão quantificadas, por ano de referência, o número de questões em cada caderno. A ilustração permite mostrar que, no período de 1998 a 2005, não houve nenhuma questão sobre variação linguística, enquanto nos anos de 2007, 2008 e 2013, duas ocorrências. Do mesmo modo, nos anos de 2010, 2011 e 2014, cada caderno trouxe cinco questões. Em 2006, 2015 e 2016, quatro perguntas. Assim como em 2018 e 2019, três questionamentos dessa natureza. Nos anos de 2009, 2012 e 2017, houve mais ocorrência do fenômeno.

Ao iniciarmos o processo de análise das questões que compõem os cadernos de língua portuguesa, verificamos logo na primeira questão, no Caderno de 1998, como ilustra a Figura 1, o texto “Aí, Galera”, de Luís Fernando Veríssimo, muito propício à reflexão sobre variação linguística. Entretanto, o foco recai sobre a norma padrão, pois, no comando da questão que antecede o texto, afirma-se que, para 'falar e escrever bem', é necessário conhecer a norma padrão de uma língua, como podemos observar na Figura 1.



Figura 1 - Comando, texto e pergunta extraídas do *corpus*

Para falar e escrever bem, é preciso, além de conhecer o padrão formal da Língua Portuguesa, saber adequar o uso da linguagem ao contexto discursivo. Para exemplificar este fato, seu professor de Língua Portuguesa convida-o a ler o texto *Aí, Galera*, de Luís Fernando Veríssimo. No texto, o autor brinca com situações de discurso oral que fogem à expectativa do ouvinte.

Aí, Galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipação"? E, no entanto, por que não?

- *Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.*
- *Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.*
- *Como é?*
- *Aí, galera.*
- *Quais são as instruções do técnico?*
- *Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.*

- *Ahn?*
- *É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.*
- *Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?*
- *Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?*
- *Pode.*
- *Uma saudação para a minha progenitora.*
- *Como é?*
- *Alô, mamãe!*
- *Estou vendo que você é um, um...*
- *Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?*
- *Estereoquê?*
- *Um chato?*
- *Isso.*

Correio Braziliense, 13/05/1998.

05 A expressão "pegá eles sem calça" poderia ser substituída, sem comprometimento de sentido, em língua culta, formal, por:

- (A) pegá-los na mentira.
- (B) pegá-los desprevenidos.
- (C) pegá-los em flagrante.
- (D) pegá-los rapidamente.
- (E) pegá-los momentaneamente

Fonte: Caderno de questões (BRASIL, 1998, p. 4)

Apesar desta primeira edição do ENEM trazer um texto muito rico em variação linguística, os elaboradores da prova limitam-se a solicitar aos estudantes que façam apenas a adequação da linguagem utilizada no texto ao contexto formal, normatizando-o. Nesse caso, o tema da variação não é abordado diretamente, em sua multiplicidade e riqueza de uso e sentido. Pelo contrário, implicitamente, serve para contrastar com a norma de prestígio. Ele poderia ter sido mais bem explorado caso tivesse ocorrido a preferência por conduzir a análise em face das variedades linguísticas, o que seria possível, por exemplo, se o foco da discussão tivesse sido a variação estilística manifesta no texto. Nos oito anos seguintes, não houve modificação desse cenário, uma vez que não foram encontradas questões tratando dessa temática.

Durante a procura, no entanto, um fato específico chamou atenção. Apesar de não ser o objetivo da investigação mas, devido à inexistência de casos encontrados nos cadernos analisados referentes ao período de 1998 a 2006, na edição de 2005, no Caderno

de Ciências da Natureza, a questão 9 da prova de Geografia traz um exemplo explícito de como as variantes dialetais brasileiras são perceptíveis tanto em nível sonoro, como descreve o próprio escritor Mário de Andrade, quanto em razão de sua distribuição geográfica, como ilustra a Figura 2.

Figura 2 - Captura de tela prova de Geografia

_____9

As dimensões continentais do Brasil são objeto de reflexões expressas em diferentes linguagens. Esse tema aparece no seguinte poema:

“(....) Que importa que uns falem mole descansado Que os cariocas arranhem os erres na garganta Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?”	Que tem se o quinhentos réis meridional Vira cinco tostões do Rio pro Norte? Junto formamos este assombro de misérias e grandezas, Brasil, nome de vegetal! (....)”
---	--

(Mário de Andrade. *Poesias completas*. 6. ed. São Paulo: Martins Editora, 1980.)

O texto poético ora reproduzido trata das diferenças brasileiras no âmbito

- (A) étnico e religioso.
- (B) lingüístico e econômico.
- (C) racial e folclórico.
- (D) histórico e geográfico.
- (E) literário e popular.

Fonte: Caderno de questões (ENEM, 2005, p. 5)

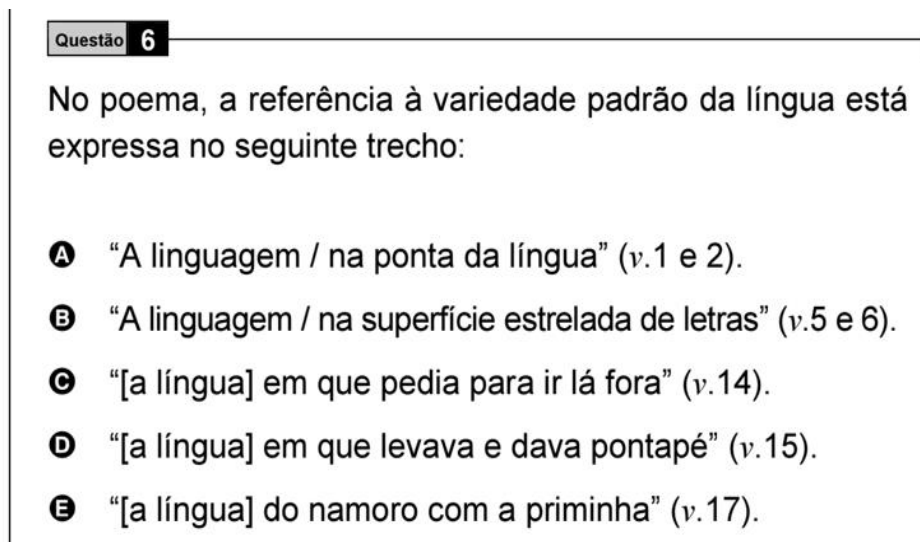
Na Figura 2 é possível perceber como a temática da variação linguística assume um caráter interdisciplinar, sendo motivo de reflexão por profissionais relacionados a outras áreas de conhecimento. De fato, essa interface com a geografia é muito significativa na linguística, tendo motivado, como se sabe, o desenvolvimento de subáreas como a dialetologia e a geolinguística. O poema, além de demonstrar a desigualdade socioeconômica que se reflete também no espaço geográfico, se baseia em diferenças fonéticas que podem ser associadas à variação dialetal, caracterizando, de modo geral, falares baiano (falar mole descansado), carioca (erres na garganta) e capixabas (escancaram as vogais).

A escassez de questões sobre variação linguística nas provas do ENEM foi superada, mesmo que de forma tímida, a partir do ano de 2006. Neste ano, encontramos quatro perguntas (4), (5), (6) e (8) com menções tanto no comando, quanto nas alternativas de respostas voltadas para a variação linguística em diferentes perspectivas. A pergunta (4), por exemplo, aborda a temática norma culta *versus* linguagem regional.

Na questão (5), subsidiada pelo texto "Aula de Português", de Carlos Drummond de Andrade, são tratadas as marcas de variação de usos da linguagem com linguagem formal e linguagem informal. Ainda neste mesmo caderno, na pergunta (6), os elaboradores abordam a noção de variedade padrão de língua. Finalmente, na questão (8), é utilizado um trecho da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, para evidenciar marcas de regionalismos e coloquialismo conforme salienta (BAGNO, 2002), sendo o foco, dentre as alternativas elencadas, a identificação da opção em que há o registro do padrão formal da linguagem.

Inicialmente, os tópicos mais frequentes versavam sobre adequação à variedade padrão da língua, como mostra a Figura 3.

Figura 3 - Captura de tela



The image shows a screenshot of a question interface. At the top left, there is a tab labeled "Questão 6". The main text of the question reads: "No poema, a referência à variedade padrão da língua está expressa no seguinte trecho:". Below this text, there are five multiple-choice options labeled A through E, each followed by a quote and a reference to a line number in parentheses.

Questão 6

No poema, a referência à variedade padrão da língua está expressa no seguinte trecho:

- A** "A linguagem / na ponta da língua" (v.1 e 2).
- B** "A linguagem / na superfície estrelada de letras" (v.5 e 6).
- C** "[a língua] em que pedia para ir lá fora" (v.14).
- D** "[a língua] em que levava e dava pontapé" (v.15).
- E** "[a língua] do namoro com a priminha" (v.17).

Fonte: Brasil (2006, p. 4).

Na Figura 3, a alusão à variedade padrão da língua está expressa no comando da questão 6, e por consequência, em uma das alternativas de resposta. A esse respeito, convém retomar a reflexão de Faraco (2008) sobre o ensino da variedade culta na escola, embora esta não corresponda exatamente ao conceito de variedade ou norma padrão (BAGNO, 2020). Segundo Faraco (2008, p. 03), "numa perspectiva pedagógica, não podemos limitar a discussão às variedades cultas em si (como apenas um conjunto de certas características lexicogramaticais)".



Nos dois anos seguintes, 2007 e 2008, foram encontradas duas ocorrências em cada edição de perguntas abordando a temática variacionista (4) e (26), (2) e (14), nesta ordem. A questão (4) do caderno do ano de 2007 refere-se à utilização do texto de Graciliano Ramos a respeito de diversos tipos de linguagem, enquanto em (26) aborda-se a utilização de diferentes itens lexicais como forma de promover a atualização dentro do sistema da língua (LABOV, 2008). Já no caderno de 2008, na pergunta (2), o fator arrolado é o regionalismo e seu atrelamento à linguagem informal (BAGNO, 2002) e, em (14), a partir de uma charge, são extraídos trechos que mencionam registros informais ou coloquiais da linguagem.

Como visto, nos primeiros dez anos de aplicação da prova do ENEM, a temática da variação linguística foi abordada, de maneira explícita, em oito ocasiões. De forma tangenciada, a referência ocorreu em três momentos distintos: na edição de 1998, questão (5), sem que fosse tratado o tema especificamente. Em 2002, na pergunta (50), e, em 2005, questão (9), no Caderno de Geografia. Essa síntese parece ser justa de ser mencionada, uma vez que, a partir do ano seguinte, a configuração do ENEM em toda a sua extensão sofre alterações em relação ao cenário anterior, o que parece estar atrelado às mudanças que o certame passou com a implementação de novas condições de aplicação e, principalmente, a obrigatoriedade da realização da prova para todos aqueles que desejassem cursar uma graduação no país.

A edição de 2009 apresentou o maior número de questões sobre variação linguística encontradas em toda a amostra coletada. As questões (92), (101), (109), (112), (122), (129), (131) e (135) são dispostas no novo formato dos cadernos, agora com 45 questões de linguagens. Mais uma vez, o fator de adequação à norma padrão é discutido em pelo menos três das perguntas: (92), (122) e (123). Nos demais casos, há a abordagem de elementos, tais como: variedade regional, incorreção da língua portuguesa e padronização. Nesta mesma edição, pela primeira vez, encontramos a referência a dois pesquisadores da área, Serafim da Silva Neto, filólogo e linguista, e Paul Teyssier, linguista e tradutor, o que pode ser confirmado na Figura 4.



Figura 4 - Caderno Amarelo (2009)

Questão 129

Serafim da Silva Neto defendia a tese da unidade da língua portuguesa no Brasil, entretendo que no Brasil as delimitações dialetais espaciais não eram tão marcadas como as isoglossas¹ da România Antiga. Mas Paul Teyssier, na sua **História da Língua Portuguesa**, reconhece que na diversidade socioletal essa pretensa unidade se desfaz. Diz Teyssier:

"A realidade, porém, é que as divisões 'dialetais' no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra."

SILVA, R. V. M. O português brasileiro e o português europeu contemporâneo: alguns aspectos da diferença. Disponível em: www.unroma.it. Acesso em: 23 jun. 2008.

¹ isoglossa – linha imaginária que, em um mapa, une os pontos de ocorrência de traços e fenômenos linguísticos idênticos.

FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

De acordo com as informações presentes no texto, os pontos de vista de Serafim da Silva Neto e de Paul Teyssier convergem em relação

- Ⓐ à influência dos aspectos socioculturais nas diferenças dos falares entre indivíduos, pois ambos consideram que pessoas de mesmo nível sociocultural falam de forma semelhante.
- Ⓑ à delimitação dialetal no Brasil assemelhar-se ao que ocorria na România Antiga, pois ambos consideram a variação linguística no Brasil como decorrente de aspectos geográficos.
- Ⓒ à variação sociocultural entre brasileiros de diferentes regiões, pois ambos consideram o fator sociocultural de bastante peso na constituição das variedades linguísticas no Brasil.
- Ⓓ à diversidade da língua portuguesa na România Antiga, que até hoje continua a existir, manifestando-se nas variantes linguísticas do português atual no Brasil.
- Ⓔ à existência de delimitações dialetais geográficas pouco marcadas no Brasil, embora cada um enfatize aspectos diferentes da questão.

Fonte: Caderno Amarelo (BRASIL, 2009, p. 16)

Na Figura 4, embora a menção aos pesquisadores seja o foco secundário da questão 129, nela são apresentadas discussões relevantes da área, tais como a pseudoideia de que haveria no Brasil uma unidade linguística, a referência à diversidade dialetal que permeia o país, além do conceito explícito de isoglossa conforme a definição proposta por Dubois et al (2004, p. 254). Na mesma pergunta, é possível observar como fatores socioculturais implicam nas manifestações dialetais. Em comparação aos dez primeiros anos de ENEM, em que houve pouquíssima ou nenhuma menção à variação, uma questão desta natureza representa um avanço na abordagem do certame, pois, além de citar dois importantes filólogos, também oferece ao público estudantil a oportunidade de ter um primeiro contato com terminologias próprias daqueles que têm a língua como objeto de observação e investigação. O mesmo tipo de referência a um pesquisador da área pode ser observado também na questão 128 da edição de 2012.

Em versões posteriores do exame, podemos observar a inclusão de tópicos mais restritos da área da descrição linguística, como ocorre na Figura 5, referente à questão 130, do caderno de 2011.

Figura 5 - Mandioca

QUESTÃO 130

MANDIOCA – mais um presente da Amazônia

Aipim, castelinha, macaxeira, maniva, maniveira. As designações da *Manihot utilissima* podem variar de região, no Brasil, mas uma delas deve ser levada em conta em todo o território nacional: *pão-de-pobre* – e por motivos óbvios.

Rica em fécula, a mandioca — uma planta rústica e nativa da Amazônia disseminada no mundo inteiro, especialmente pelos colonizadores portugueses — é a base de sustento de muitos brasileiros e o único alimento disponível para mais de 600 milhões de pessoas em vários pontos do planeta, e em particular em algumas regiões da África.

O melhor do Globo Rural. Fev. 2005 (fragmento).

De acordo com o texto, há no Brasil uma variedade de nomes para a *Manihot utilissima*, nome científico da mandioca. Esse fenômeno revela que

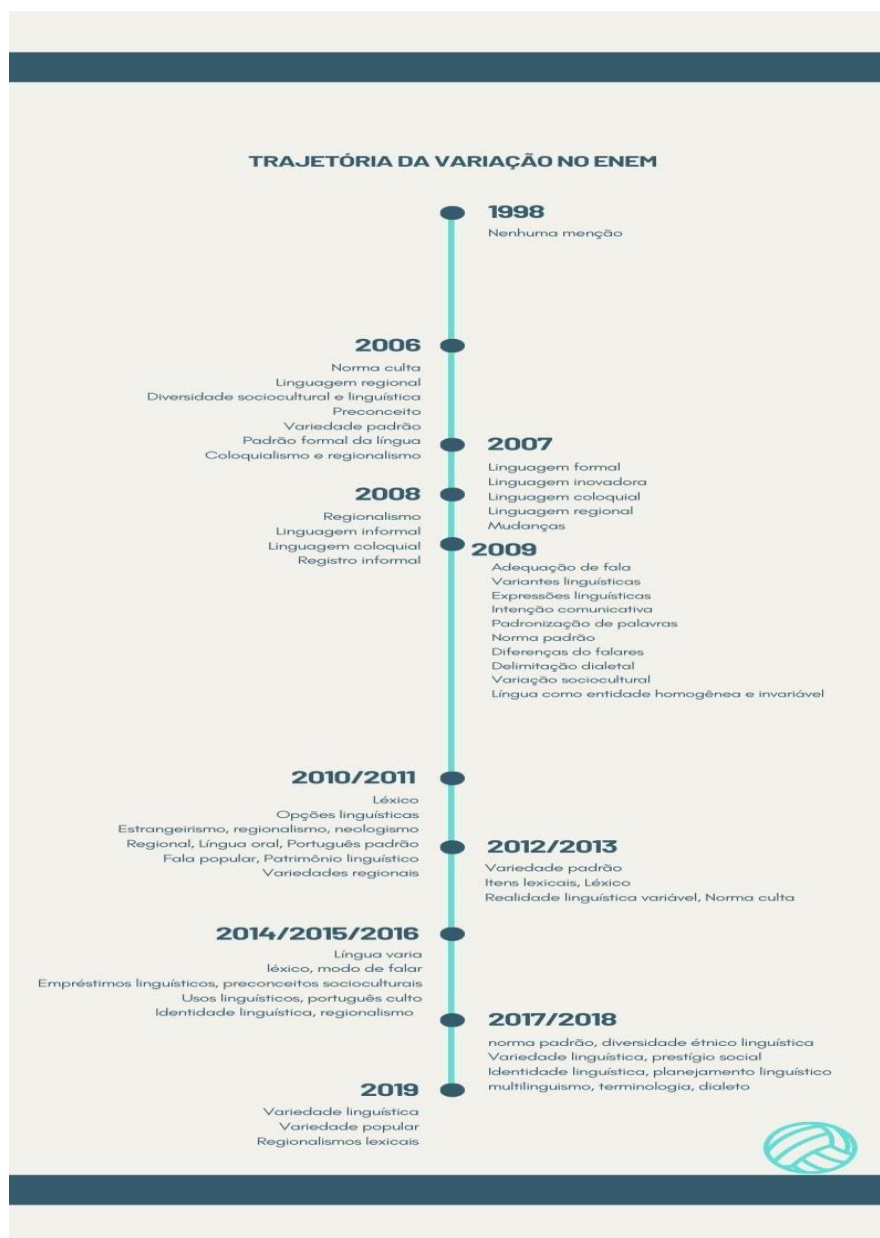
- A** existem variedades regionais para nomear uma mesma espécie de planta.
- B** mandioca é nome específico para a espécie existente na região amazônica.
- C** “pão-de-pobre” é designação específica para a planta da região amazônica.
- D** os nomes designam espécies diferentes da planta, conforme a região.
- E** a planta é nomeada conforme as particularidades que apresenta.

Fonte: Caderno Amarelo (BRASIL, 2011, p. 18)

Na Figura 5, vemos como o termo 'mandioca' e suas múltiplas denominações foram abordados na Questão 130 do Caderno de 2011. Esse mesmo item lexical tem sido amiúde estudado por pesquisadores brasileiros, com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), como Romano (2020).

Tendo em vista atender a um dos objetivos pretendidos com este artigo, o tratamento dado à variação linguística em cadernos do ENEM pode ser ilustrado por meio da linha do tempo elaborada com a finalidade de sintetizar o percurso de apresentação das questões no decorrer do tempo. A perspectiva adotada para a ilustração da variação considera, especialmente, a terminologia empregada tanto nos comandos das questões quanto nas alternativas de respostas. Nesse aspecto, são mencionados na Figura 6 os termos encontrados nas provas do exame que remetem à temática variacionista.

Figura 6 - Linha do tempo



Fonte: Elaboração própria.

Esse percurso cronológico, organizado em torno da terminologia empregada nas questões sobre variação linguística, ao mesmo tempo em que demonstra a influência paulatina dos estudos variacionistas sobre o exame, reitera um dado observado desde pelo menos a década de 1970 no âmbito do ensino de Português: a preocupação em demasia



com a variedade padrão da língua, abordando-se a variação para fins de adequação a essa norma de correção linguística. Com efeito, Faraco (2008) já havia chamado a atenção para os equívocos observados no tratamento dado à variação no ENEM, que preconiza o domínio da norma culta como uma das competências a serem desenvolvidas no Ensino Médio, dentre outras habilidades. Para o autor,

há na definição dessa grande competência dois equívocos. O primeiro é não distinguir a norma culta da norma-padrão (o que leva os documentos do exame a falarem em norma culta e as questões a examinarem, de fato, o domínio da norma-padrão). Segundo, tomar a norma como um fenômeno em si, isolado das práticas sociais de fala e escrita em que ela faz sentido e, por consequência, sobrepondo-se a elas. (FARACO, 2008, p. 09).

Os resultados do levantamento, portanto, indicam inconsistências de natureza terminológica e conceitual também observadas por Bagno (2020), quando da pesquisa em torno da terminologia adotada no ENEM para referir a modalidade de língua exigida na prova de redação desde 1998 até 2018. Semelhantemente ao que constatou o autor, vimos, neste trabalho, o uso indiscriminado de termos como *norma culta*, *variedade padrão*, *linguagem formal*, *padrão formal da língua* etc.

Considerações Finais

A linguística brasileira, em que pese a escassez de recursos, alcançou um estágio considerável de desenvolvimento, produzindo um vasto conjunto de descrições em diferentes níveis do português falado e escrito. Nesse rol de pesquisas, destacam-se os estudos em variação linguística, provenientes da sociolinguística e da dialetologia/geolinguística, que têm desnudado as complexas correlações sociais e culturais com o uso variável da língua. Somam-se a esse quadro as inegáveis contribuições da linguística aplicada ao ensino de línguas. Apesar disso, ainda persistem problemas no ensino da língua materna, no que tange à abordagem da variação, temática sobre a qual este artigo foi realizado, tendo como base um levantamento de questões sobre variação a partir das edições do ENEM, compreendidas entre 1998 e 2019.



Alcançado o objetivo do trabalho, percebemos que, de 1998 a 2005, os cadernos de linguagens, códigos e suas tecnologias não apresentaram nenhuma questão de variação linguística e, quando passaram a abordar esse tópico, enfatizaram muito mais a norma padrão, tratando a variação apenas em termos de adequação a essa norma, sem discutir, de fato, a diversidade linguística em sua riqueza de formas e sentidos, as relações socioculturais e econômicas subjacentes aos usos. Além disso, a pluralidade designativa para se referir à variedade linguística majoritariamente concebida na prova, já atestada por Faraco (2008) e Bagno (2020), demonstrou inconveniências teóricas e terminológicas que confundem norma culta com norma padrão.

Em síntese, a trajetória apresentada a partir dos dados coletados mostra a terminologia utilizada nas provas do ENEM ao longo dos anos, demonstrando uma variedade de nomenclaturas da área de variação linguística que refletem a falta de precisão dos elaboradores das provas e a concepção normativa de língua que ainda predomina nas questões de linguagens. Mas também, o estudo apontou que a abordagem da variação tem sido paulatinamente inserida na prova, apresentando melhoria em relação ao início do ENEM, em 1998. Assim, esperamos, com esses resultados, contribuir com a discussão do ensino de língua portuguesa que assuma uma pedagogia voltada para a variação linguística, para além de questões de norma culta, adequação e regionalismos.

Referências

- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BAGNO, M. (Org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BAGNO, M. Critérios e valores para uma norma brasileira de referência. In: **Revista Verbum**, v. 9, n. 3, p. 8-23, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação/INEP. **Cadernos do ENEM**. www.publicacoes.inep.com.br.
- CARDOSO, S. A. M. O Projeto ALiB: caminhos andado e a percorrer. In: AGUILERA, V. de A.; GLEIIDY, A. M.; MOTA, J. A. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB**. Documentos 1. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2003.



- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de.; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. - (Coleção para conhecer linguística).
- FARACO, C. A. (2008). **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 196 p.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, M. M. P. Scherre e C.R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].
- ROMANO, V. P. Macaxeira e mandioca na região Norte do Brasil em uma Perspectiva Diatópica nos Dados do Projeto ALiB. In: **Revista Porto das Letras**, Vol. 06, nº 03, p. 78-103, 2020.
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- ZANINI, M. Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna. **Acta Scientiarum**, v. 21, n. 1, 1999.

Recebido em: 21/05/2021 | Aprovado em: 01/07/2021.
